

## *Corpus: resolve-se antes ou depois?*

**Tania Regina Taschetto**

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem  
GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

---

*Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela  
e levado bem além de todo começo possível.*  
Michel Foucault

Esta Comunicação apresenta inquietações que se mostram frente à análise de um corpus, principalmente quando a linha teórica é a Análise de Discurso de Linha Francesa (AD).

O corpus que estou analisando são os dados da tese de doutoramento em Linguística Aplicada que busca tratar da questão da *autoria* nos projetos de pesquisa. Os projetos foram coletados nas disciplinas Seminário I e Metodologia da Pesquisa em Letras dos cursos de Mestrado e Especialização em Letras da UFSM, ministradas sob minha orientação, no primeiro semestre/98<sup>1</sup>. Foram coletadas três (03) versões de cada projeto dos alunos matriculados nas referidas disciplinas – em número de 16 (12 Mestrado e 4 Especialização).

Esse projeto nasceu de minha experiência pessoal em orientação de projetos de pesquisa na disciplina de Técnicas de Pesquisa em Letras no curso de Graduação. De tanto ler os projetos, orientar sua elaboração e supervisionar sua execução, foi ficando cada vez mais claro perceber como o futuro pesquisador se mostra, se posiciona frente ao texto que, mesmo tendo uma estrutura que se quer rígida dentro dos parâmetros científicos, a polifonia, as outras

vozes, os outros textos, o intertexto aparecem no fio do discurso. Comungo com Orlandi (1999, p.76) quando diz que o sujeito “precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz”. O que tenho feito na leitura dos projetos é exatamente isso, ou seja, buscar a coerência interna, o fio condutor da unidade discursiva. Também acompanho o pensamento de Foucault (1992) quando busca, na relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, “pelos menos em aparência” segundo suas palavras (p.34).

Até então meu trabalho era muito intuitivo, baseado na experiência de leitura e no desenvolvimento da disciplina, rearranjada a cada novo semestre. Assim, quando me candidatei ao curso de doutorado, já havia decidido que o objeto de pesquisa seriam os Projetos dos meus alunos candidatos ao mestrado, com recorte visando à posição do autor. A partir daí, busquei a Análise de Discurso de Linha Francesa (AD) como ponto teórico inicial, uma vez que é através da AD que julgo ser possível desvelar o autor (escritor-pesquisador) escondido atrás do sujeito linguístico. A AD permite filiações outras, em áreas afins que poderão dar suporte aos gestos de interpretação do corpus empírico transformando-o em corpus discursivo no dizer de Orlandi (1999). Assim, trago Foucault, como pensador e que mostrou pelas suas análises ser possível olhar através do corpus o seu reverso; Lacan e o sujeito psicanalítico, clivado, dividido, estabelecendo uma interface com a Linguística a partir de sua leitura de Saussure; Pêcheux, que deixou rastros para uma aliança possível com a psicanálise; Althusser, que está na origem dos estudos sobre a questão do sujeito, ideologia e assujeitamento, formação discursiva. Outras filiações, se necessárias, serão buscadas no momento em que a análise do corpus constituído estiver sendo efetuada para completar, na incompletude do discurso, a interpretação desse *sujeito-autor* (sujeito empírico?).

Como a AD não impõe - nem mesmo cogita - um *modelo* a ser aplicado a um banco de dados, ficamos angustiados quando nos deparamos com o corpus sem termos onde colocá-lo, onde enquadrá-lo; o *modelo*, ou melhor, o dispositivo de análise vai sendo construído à medida em que a análise e a interpretação vão caminhando, vão se delineando. E o modo como o analista constrói seu dispositivo revela - deve revelar - suas filiações. Isto é o que muitas vezes preocupa pesquisadores que trabalham com a linguagem: como fazer uma análise - que tende a ser subjetiva já desde a escolha do objeto e recorte do corpus - sem perder a objetividade, mantendo os padrões aceitos na/pela comunidade acadêmico-científica.

A análise de discurso, diferentemente da análise linguística, visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão (ORLANDI, 1999). A AD não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade de acesso ao discurso. Uma vez atingido o processo discursivo, o analista prescinde do texto - o texto deixa de ser o objeto de análise no momento em que ele é entendido como discurso, apreendido na sua materialidade. Isso, segundo Orlandi (1999), corresponde a saber como o discurso de textualiza. E como diz Foucault em A Arqueologia do saber,

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1997: 56)

É esse *mais* que a análise linguística não alcança. A linguística se preocupa com o funcionamento: como algo significa; a psicanálise, a filosofia preocupam-se com a interpretação: o que significa o significante. A linguística não se ocupa nem da origem, nem

da aprendizagem, nem do referente, mas somente de saber como funciona um sistema lingüístico, isto é, como ele significa e quais características permitem que ele faça isso.

Assim, o que buscamos nessa análise é um novo olhar, sob um outro enfoque.

No procedimento de análise, devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. É preciso atravessar o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito (ORLANDI, 1999:61) para investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, na falha, no equívoco e na materialidade, no trabalho da ideologia.

Segundo Orlandi (1999:73) o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. A relação do sujeito com o texto é a da dispersão: a autoria implica em disciplina, organização, unidade. Para a autora,

a função-autor é uma função discursiva do sujeito e estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador: se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto. (ORLANDI, 1999: 75)

Para Foucault (1992), a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome de autor com o que nomeia, não são isomórficas. O nome do autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: “indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto” (p.45). Assim, Foucault acredita que “uma certa quantidade de discursos são desprovidos da função autor” e exemplifica: uma carta privada pode ter um signatário mas não um autor; um contrato pode ter um fiador, mas não um autor; um texto anônimo pode ter um redator, mas não um autor<sup>2</sup>. Para Foucault, a função autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade (p.46).<sup>3</sup>

Ainda para Foucault (1992) seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício; *a função autor de efetua na cisão*. O texto traz consigo um certo número de signos que reenviam para o autor. Esses signos são muito conhecidos dos gramáticos: são os pronomes pessoais, os advérbios de tempo, a conjugação verbal (p.54-55). A função autor não é assegurada pelo uso de “eus”, como “Eu suponho”, “Eu concluo”, mas desempenha um papel de dispersão desses “eus”; isto é, não reenvia pura e simplesmente a um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem ocupar (p.56-7).

Na verdade, minha análise vai no sentido de buscar como o sujeito se inscreve na língua. o que Foucault chama de “instauração da discursividade”: o quê, a partir do particular de cada pesquisador mostrado num texto do tipo Projeto de Pesquisa, torna possível a analogia entre os diversos pesquisadores; isto é, o que é que marca a autoria nessa formação discursiva, na ordem desse discurso!

Questões ainda não resolvidas: Quem é que falou realmente? De que lugar falou? Com que autenticidade (ou originalidade)? Quais os modos de existência deste discurso? De onde surgiu? Quem pode se apropriar dele? Quais os lugares que nele estão reservados a sujeitos possíveis? Quem pode preencher as diversas funções do sujeito?

Estas questões, imagino, podem ser respondidas a partir da construção do dispositivo de análise, responsável pela interpretação do corpus discursivo, isto é, da construção do meu *panopticon!*

### Notas

<sup>1</sup> A coleta foi feita logo no início do curso de Doutorado pois as disciplinas ainda estavam sob minha responsabilidade.

<sup>2</sup> O Projeto de Pesquisa não teria um autor, mas um signatário, uma vez que o texto acadêmico-científico deve ter uma linguagem objetiva, visando à ausência de subjetividade na busca da neutralidade e isenção requeridas pela academia. O que não é aceito pela AD.

<sup>3</sup> Foucault e Orlandi diferem no entendimento do que seja autor e sujeito; assim creio que o posicionamento de Orlandi tenderá a ser abandonado no desenvolvimento do trabalho.

### Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. [1976] **Aparelhos ideológicos de estado**. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. [1976] **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FOUCAULT, M. [1971] **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 3. ed. Portugal: Veja, Passagens, 1992.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. [1988] **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990.